

ENSAIOS

A OUTRA MARGEM DO OCIDENTE
Org. Adauto Novaes
Companhia das Letras/Funarte, 525 páginas
R\$ 35

CRISTIANE COSTA

Onde há encontro há desencontros. Especialmente quando se conta a história do ponto de vista do outro: o descoberto, o espoliado, o vencido. Não por acaso, *A outra margem do Ocidente* – volume que registra o segundo ciclo de palestras do seminário *Brasil 500 anos: experiência e destino*, promovido pela Funarte – começa dando voz a esse outro silenciado pela história oficial. Em “Descobrimos os brancos”, o líder indígena Davi Kopenawa Yanomami conta sua versão desse encontro ao narrar o momento em que viu pela primeira vez aquele que, para ele, era radicalmente outro.

“Quando os avistei [os homens brancos], chorei de medo. Pensei que eram espíritos canibais e que iam nos devorar. Eu os achava muito feios, esbranquiçados e peludos. Eles eram tão diferentes que me aterrorizavam. Além disso, não compreendia nenhuma de suas palavras emaranhadas”, lembra o ianomami, numa reconstituição, mais de 400 anos depois, do que bem pode ter sido o olhar original de uma criança indígena sobre aqueles homens barbados e vestidos que chegaram nas caravelas de Cabral, o “povo das mercadorias”, como bem define Davi.

Mas não é preciso ser índio para se por no lugar do outro, como já demonstraram Montaigne e Frei Bartolomeu de Las Casas. Alguns dos mais importantes intelectuais brasileiros, entre historiadores, antropólogos e filósofos, tentaram essa experiência ao participarem do seminário *A outra margem do ocidente*, que se estendeu de setembro a novembro do ano passado, no Rio e em São Paulo.

Para quem não pôde assistir ao vivo as palestras, o livro agora lançado é uma boa chance de conhecer tanto os detalhes dessa história não-oficial como refletir sobre como o contato com os índios americanos influenciou o pensamento europeu a partir do século 16. “Mais do que falar sobre os índios, trata-se de falar de nós mesmos, repensar o político, no Ocidente, à luz da experiência selvagem”, explica o filósofo Adauto Novaes, organizador do seminário.

O terceiro ciclo – que começou na quinta-feira e se prolongará até o final do outubro, no Rio – tem como tema a fundação do Estado e da nação, a partir dos séculos 17 e 18, e conta com a presença dos professores Renato Janine Ribeiro e José Murilo de

Todo dia era dia de índio

“A outra margem do Ocidente”, segundo volume saído do ciclo de debates promovido pela Funarte, dá voz aos povos que viram, aterrorizados, a chegada dos descobridores

Carvalho, entre outros. No ano 2000, será a vez de se discutir os conceitos de democracia e liberdade no Brasil, no quarto e último ciclo do seminário *Brasil 500 anos: experiência e destino*.

A exemplo do primeiro ciclo de palestras, *A descoberta do homem e do mundo*, realizado em 1997, e que abordou as condições econômicas, políticas e culturais da Europa na época das grandes navegações, todas as conferências serão editadas em livro.

Produzidas por especialistas, mas dirigidas ao grande público, são muitas vezes um alerta contra idéias preconcebidas, como a do bom selvagem, conceito admiravelmente destrinchado por Sergio Paulo Rouanet. Afinal, os índios encontrados pelos portugueses viviam em estado de natureza? Eram nômades? Não tinham mesmo fé, lei ou rei? Sua sociedade era igualitária? Não havia hierarquia? Eram menos evoluídos do que os que viviam em sociedades complexas, como incas, astecas ou maias? Muitas das certezas espalhadas pelos livros de história dos brancos são questionadas em textos como o do antropólogo americano Michael Heckenberger.

Em outros, detalhes que poderiam passar despercebidos na história oficial tendem a ganhar maior relevância. Um exemplo é a mestiçagem cultural verificada no fenômeno das “santidades” indígenas, primeiros movimentos messiânicos de caráter sincrético no Brasil, em que os especialistas vêem uma curiosa afinidade entre a metafísica europeia e a cosmologia indígena. O assunto, abordado nos trabalhos da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, do historiador Ronaldo Vaifas e do professor de história da religião francês Patrick Menget, permite uma visão menos maniqueísta do encontro entre índios e brancos.

Personagens relegados ao pé-de-página dos livros de história também foram resgatados em estudos recentes. Podem nem ter nome, como os *turgimões*, meninos franceses deixados entre os tupinambás para se tornarem intérpretes dos piratas e traficantes, desenvolvida pelo etnólogo e escritor francês Jacques Meunier. Mas também podem ter sido famosos em seu tempo, como Essomericq, jovem índio brasileiro levado para a França, onde herdou fortuna, casou e criou descendência nobre, como conta a professora brasileira Leyla Perone-Moisés, autora de *Vinte Luas*.

Mais do que curiosidades, são experiências que põem em primeiro plano as similitudes, e não as diferenças, entre indígenas e ocidentais. O que, em última análise, tornou esse diálogo possível.

Cristiane Costa é subeditora do *Idéias*

